

<https://doi.org/10.22398/2525-2828.720100-117>

Fosfobox no Porto Maravilha: sons e nomadismos da princesinha do mar

Fosfobox at Porto Maravilha: sounds and nomadism of the sea little princess

Alessandra de Figueredo Porto^{1,II} , Cíntia Sanmartin Fernandes^I 

RESUMO

Inaugurada em 2004 e apelidada de Fosfo pelos íntimos, a boate Fosfobox funcionava na Rua Siqueira Campos, em Copacabana, Rio de Janeiro (RJ). *Trap, funk, hip-hop* eram apenas alguns dos inúmeros sons e ritmos que embalavam a casa noturna. Nesse contexto, a Fosfobox é um *club* que, além de música eletrônica, oferece uma programação variada de *performances*, teatro, cinema, poesia e outras manifestações culturais e artísticas. Até março de 2020, a *caixa de fósforos* que sacudia a *princesa* durante a noite copacabanense funcionou por 16 anos a todo vapor. Com a chegada do coronavírus, a Fosfobox fechou as portas do seu endereço em Copacabana e migrou para a zona portuária da cidade, mais especificamente para o espaço Núcleo de Ativação Urbana (NAU), levando os sons e as ambiências. Com uma área de mais de 4.500 m², o NAU Cidades é um complexo multicultural. Com uma abordagem baseada na metodologia qualitativa, o trabalho buscou compreender como as experiências que emanavam do *club* situado na Rua Siqueira Campos não se limitaram às paredes de uma construção e prosseguiram em uma perspectiva nômade no Porto Maravilha.

Palavras-chave: Rio de Janeiro. Copacabana. Fosfobox. Porto Maravilha. Música.

ABSTRACT

Inaugurated in 2004 and nicknamed "Fosfo" to intimates, the Fosfobox nightclub was located on Siqueira Campos street, in Copacabana. Trap, funk, and hip hop were just some of the countless sounds and rhythms that rocked the nightclub. In this context, Fosfobox is a club that, in addition to electronic music, offers a varied program of performances, theater, cinema, poetry, and other cultural and artistic manifestations. And until March 2020, the "box of matches" that shook the "princess" during the night in Copacabana worked at full speed for sixteen years. In other words, with the arrival of the coronavirus, Fosfobox closed its doors in Copacabana, and migrated, taking the sounds and ambiences to the city's port area, more specifically to the NAU space. With an area of over 4,500m², NAU Cidades is a multicultural complex positioned as "an urban laboratory created to think about spaces, territories, and towns based on the entrepreneurship of creative economy, innovation, and social development". With an approach based on qualitative methodology, the work sought to understand how the experiences that emanated from the club placed on Siqueira Campos street were not limited to the walls of a building, but carried on in a nomadic perspective in Porto Maravilha.

Keywords: Rio de Janeiro. Copacabana. Fosfobox. Porto Maravilha. Music.

^IUniversidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mails: alefporto@gmail.com, cintiasan90@gmail.com

^{II}IBMEC – São Paulo (SP), Brasil.

Recebido em: 27/11/2021. Aceito em: 13/06/2022

INTRODUÇÃO

No fim da década de 1950, Copacabana passou a fazer parte dos roteiros de lazer noturno da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Com a expansão imobiliária do período do governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960), o bairro ganhou bares, restaurantes, boates e cinemas, transformando-se rapidamente em local preferencial da jovem boemia carioca (O'DONNELL, 2013). Na ocasião, Copacabana ainda vivia o ritmo de *boom* imobiliário que tivera início após a Segunda Guerra Mundial, com a explosão das quitinetes (ou *kitinetes*). Foi assim que, de lugar isolado, passou a ser uma espécie de outro centro da cidade, onde as pessoas passaram a fazer suas compras, divertir-se e, cada vez mais, trabalhar, e muitos escritórios e consultórios mudaram-se do centro para o bairro (VELHO, 1989).

Desde o início do século XX, Copacabana já almejava a sua autonomia em termos de lazer (O'DONNELL, 2013). Autonomia que foi plenamente conquistada no decorrer dos anos, pois o lazer (incluindo o noturno) é um dos atributos da *princesa* no século XXI. Assim, quando se trata de lazer noturno na contemporaneidade, o prazer hedonístico e a festa fazem-se presentes no seio das cidades (FERNANDES, 2015). Entre as inúmeras opções de diversão da noite copacabanense, uma boate acabou destacando-se pela farta e eclética programação musical e artística: a Fosfofox. Todavia, o cenário pandêmico que se instaurou em março de 2020 impôs restrições quanto ao funcionamento de bares, restaurantes e boates na cidade do Rio de Janeiro. Mas, como na contemporaneidade a cidade é cada vez mais nômade (JACQUES, 2012), os sons e as experiências proporcionados pela Fosfofox migraram de Copacabana para a zona portuária do Rio de Janeiro.

Sendo assim, o presente artigo teve como objetivo refletir acerca dos nomadismos que se apresentam no Rio de Janeiro contemporâneo, enfatizando a capacidade dos sujeitos de experienciar e ressignificarem os lugares, o consumo e o lazer no bairro de Copacabana com a pandemia de COVID-19. O trabalho foi desenvolvido com base na metodologia qualitativa (contemplando a aplicação de três entrevistas abertas guiadas por roteiro previamente estruturado), incluindo também levantamento bibliográfico (com o uso de fontes secundárias) e documental. Cabe reiterar que este artigo é parte integrante da tese de doutorado intitulada *Princesinha do mar: múltiplos imaginários juvenis de Copacabana*, defendida em novembro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹.

1 No total, houve 19 entrevistas para a elaboração da tese de doutorado *Princesinha do mar: múltiplos imaginários juvenis de Copacabana*, orientada pela professora Cíntia Sanmartin Fernandes. O estudo baseou-se no método qualitativo, com a utilização da técnica de entrevistas abertas, tendo como instrumento de coleta um roteiro previamente confeccionado para a aplicação dessas entrevistas. O instrumento foi elaborado visando adequar a realização das entrevistas a ambas as fases da coleta de dados (antes e depois do início da pandemia de COVID-19). A amostra utilizada na tese caracteriza-se como não probabilística (seleção feita por acessibilidade e intencional), que ocorre quando há uma escolha deliberada dos componentes da amostra, cujos critérios dependeram do julgamento da pesquisadora. A tese contempla entrevistas presenciais *in loco* (realizadas antes da pandemia no bairro de Copacabana) e também por videochamada (suporte tecnológico) e ligação telefônica (a partir do mês de março de 2020, após ser declarado o estado de transmissão comunitária do Sars-CoV-2 em todo o território nacional). Desse modo, ressalta-se que o presente artigo é um desdobramento temático da tese de doutoramento supracitada.

DOS CASSINOS DOS ANOS 1950 À CONTEMPORANEIDADE: A NOITE DE COPACABANA

Após a inauguração do túnel que chegava até Copacabana em julho de 1892, o bairro já dava os primeiros sinais da sua vocação para o lazer. Assim, a abertura do Túnel Real Grandeza (atualmente chamado de Túnel Velho) para a passagem do bonde puxado a burro consolidou de forma definitiva a história da ocupação do bairro (CARDEMAN, 2012). No começo do século XX, o local era um dos preferidos para os piqueniques, conforme diz O'Donnell (2013, p. 58):

Não menos populares eram as visitas diurnas à Copacabana, que passara a ser, ao lado do bairro da Tijuca, um dos destinos privilegiados para os piqueniques na capital. Em 1905, o escritor Lima Barreto dava seu relato sobre esse fenômeno ao narrar em crônica o 1º de janeiro de um morador do subúrbio de Todos os Santos que havia decidido passear no Leme. Depois de uma banal e corriqueira viagem no bonde, o personagem chega a seu destino, onde avista dois abarracamentos cheios de gente ao som do espocar de garrafas de cerveja que se abrem.

No que diz respeito à vida noturna no Rio de Janeiro, aos poucos “foi transferindo-se definitivamente para Copacabana, dividida entre seus dois cassinos, o Copacabana, no Hotel Copacabana Palace, e o Atlântico, na avenida Atlântica, esquina com a rua Francisco Otaviano” (KAZ, 2010, p. 74). Mas, no dia 30 de abril de 1946, o então presidente da república Eurico Gaspar Dutra criou o Decreto-Lei nº 9.215, proibindo no Brasil a prática e a exploração dos jogos de azar, acarretando o fim dos cassinos. Com isso, estava encerrada a temporada de magia das roletas do “Casino Copacabana” (PORTO, 2014).

Então, o reerguimento da vida noturna no bairro aconteceria por intermédio da migração “da boemia da Lapa para as boates em Copacabana, ampliando e diversificando a vida noturna do bairro” (KAZ, 2010, p. 74). Foi na década de 1950 que “a famosa princesinha do mar tornou-se um lugar feérico, com uma vida noturna intensa que apresentava várias opções e alternativas para gostos os mais variados” (VELHO, 2006, p. 242). De acordo com O'Donnell (2013), o bairro passou a ser chamado de “princesinha do mar” pelo fato de ser a porta para a modernidade que se impôs ao Rio de Janeiro na segunda década do século XX. Ao analisarem a vida no bairro após o ano de 1945, Cardeman e Cardeman (2016, p. 145) apontam:

Com o fim da guerra, já consagrada pela voz de Dick Farney como a “Princesinha do Mar”, Copacabana começou a sofrer um processo de renovação imobiliária, com a substituição dos imóveis da ocupação inicial por outros dotados de equipamentos mais modernos e o aparecimento dos conjugados de dimensões mínimas (quitinetes).

A década de 1950, conhecida como os anos dourados, foi marcada por grandes transformações no cenário brasileiro. A Segunda Guerra Mundial havia acabado, e o alívio era total com o fim do conflito. O Rio emergiu com vigor em tal década, e o bairro de Copacabana era peça-chave, já que “em meio século o areal converteu-se na Copacabana gloriosa dos anos 50” (LESSA, 2005, p. 244).

Vale salientar que Copacabana é considerada um dos berços da bossa nova, movimento musical que surgiu na década de 1950 e que teve o Beco das Garrafas como palco no bairro. Localizado entre os números 21 e 37 da Rua Duvidier, o Beco das Garrafas fica situado em um trecho sem saída. Possui esse nome pelo fato de os moradores dos edifícios em torno jogarem garrafas nos frequentadores das quatro boates que, na época, existiam no local: Ma Griffe, Bacará, Little Club e Bottle's (COPACABANA, 2021). Por mais que a vida noturna do Rio de Janeiro se espraiasse para vários bairros, "os Anos Dourados celebraram Copacabana como o lugar do glamour noturno" (GÓIS, 2015, p. 121).

Assim, mesmo que com o passar dos anos o crescimento desordenado tenha feito Copacabana ser "super ocupada, construída e desgastada" (VELHO, 2006, p. 243), uma coisa a princesa não perdeu: a sua capacidade de nos encantar — e de nos surpreender. Ademais, o farto comércio e a enorme quantidade de escritórios e consultórios presentes no bairro demonstram, em meio ao frenesi cotidiano, as regras impostas pela lógica do trabalho, das obrigações durante o expediente diurno. Contudo, como uma espécie de cinderela permissiva e boêmia, a princesinha do mar transforma-se quando a noite chega.

Parte-se aqui da distinção entre os regimes diurno e noturno, conforme propõe Durand (1997). Portanto, Copacabana deixa-se levar pelos mistérios do regime noturno do imaginário, que pode ser entendido como a representação da consciência feminina (DURAND, 1997). É o regime noturno que nos remete ao eterno feminino, à representação feminina (DURAND, 1997), analisada aqui como a figura da mulher que não se submete ao cerceamento patriarcal. Quando a lua aparece, Copacabana é mulher camaleoa, insubmissa, sedutora e permissiva e, como se estivesse em um palco onde os elementos sol e lua se revezam, transforma-se — e sai a dançar seu balé dionisíaco.

Mesmo para o entrevistado Jorge², 41 anos, que afirma "*não ter nenhuma ligação com Copacabana*" por se definir um "*carioca do subúrbio*", a transformação do bairro quando chega a noite é perceptível: "*Minha visão como taxista: de manhã, é o bairro dos idosos, dos mais antigos. À noite, é o bairro da ferveção. À noite, eu vejo prostituição, drogas, bares cheios. De manhã, é praia, lazer diurno. De noite, é ferveção*"³.

Ou seja, quando a noite chega e o brilho da lua transforma Copacabana, os corpos partem em busca das bordas e brechas para além da vida programada do bairro (FERNANDES; HERSCHMANN, 2020). Nesse contexto, a noite copacabanense surge como território da liberdade, evidenciando a noção da noite como território, ou ao menos como "espace-temps", o espaço-tempo (STRAW, 2018). Caleidoscópica e mutante entre o dia e a noite, Copacabana apresenta novas formas a cada movimento, que dançam ao ritmo da mistura de gente, de estilos arquitetônicos, de

2 Jorge nasceu no Rio de Janeiro e atualmente mora no bairro da Praça Seca. Seu sobrenome não foi divulgado para que a privacidade do entrevistado seja preservada.

3 Informação extraída de entrevista telefônica concedida por Jorge a Alessandra de Figueredo Porto, realizada no dia 30 de março de 2021.

bares e de festas (MAIA; BIANCHI, 2012). Quando se trata da noite da mulher camaleoa, Copacabana possui opções para vários gostos.

Desse modo, é importante ressaltar as diferenças entre a Copacabana do dia, com seus escritórios, consultórios e demais atividades laborais (e também o lazer diurno), e a Copacabana da noite, com o pulsante Baixo Copa, o *club* Fosfofox e outros exemplos de lazer noturno presentes no bairro. Tradicional reduto da boemia copacabanense, o Baixo Copa fica localizado entre as esquinas das ruas Bolívar e Aires Saldanha, que concentra um grande número de bares e restaurantes. É um dos exemplos da noturnidade do bairro, pois “a noturnidade possibilita por parte dos agentes a construção de vários tipos de ‘oásis’, zonas de pulsão de vida” (FERNANDES; HERSCHMANN, 2020, p. 77). Popularmente conhecidos como baixos ou polos, tais espaços muitas vezes surgem informalmente, criados ao longo do tempo por parcerias entre comerciantes locais em torno de uma mesma área (ou até mesmo quando o “baixo acompanha o polo”), como explica Góis (2015, p. 189):

Outras áreas da cidade que, de forma “espontânea”, se organizaram em torno de polos costumam ser denominadas de “baixos”, no qual *clusters* de bares e restaurantes se formam no entorno de uma vizinhança. Os baixos são parte do processo de expansão da cidade, agregando em perímetros relativamente pequenos e geralmente em esquinas um conjunto de atividades ligadas ao noturno.

A noturnidade apresenta territorialidades que se referenciam na noção de festa (DUVIGNAUD, 1983), evidenciando a noite como território das práticas festivas (GÓIS, 2018). Aos sábados, sempre acontece uma espécie de “apoteose” em Copacabana (VELHO, 1989), na qual turistas brasileiros e estrangeiros e moradores de outros locais do Rio de Janeiro vão para o bairro em busca de diversão. Ao chegar ao século XXI, a noite copacabanense prossegue efervescente, com ampla oferta de lazer para diversas tribos (MAFFESOLI, 1998). Entre as inúmeras alternativas que integram a apoteose festiva no que tange ao lazer noturno no bairro, tem-se o *club* Fosfofox, no *shopping center* Cidade Copacabana. Assim, em meio à lógica do regime diurno (DURAND, 1997) presente no *shopping*, organizado com base em seus objetivos voltados para o trabalho e suas respectivas normas, eclodem a festa e o dionísio do regime noturno com a presença da Fosfo⁴, conforme apresentado a seguir.

O CLUB CAIXA DE FÓSFOROS COPACABANENSE: BREVE HISTÓRICO DA FOSFOBOX

Localizada na Rua Siqueira Campos, a Fosfofox foi inaugurada em Copacabana pelo empresário mineiro Carlos Alberto de Araújo (conhecido como Cabbet) no ano de 2004 (Figura 1).

Antes de inaugurar a Fosfofox, o mineiro, da pequena cidade de Desterro do Melo, havia saído da equipe da boate Bunker (que ficava localizada na Rua Raul Pompeia, também em Copacabana), depois de discordar da proposta musical que a

4 Apelido dado ao *club* Fosfofox.



Fonte: arquivo Fosfobox.

Figura 1. Fachada da Fosfobox, em Copacabana, Rio de Janeiro (RJ).

casa começara a oferecer (NEDER, 2013). Após sair da Bunker, Cabbet levou consigo a experiência e a fama adquiridas por lá quando atuava como produtor do espaço; era o responsável por trazer nomes famosos da música eletrônica para a noite carioca (COHEN, 2017). A partir de então, ele resolveu abrir o seu próprio negócio, focando na proposta que a Bunker deixara de oferecer para os seus frequentadores:

Quando vi que o som de qualidade não estava mais sendo priorizado, pulei fora também. Isso foi em 2003. Em 2004, encontrei esse espaço pequeno e maravilhoso em Copacabana e abri a Fosfobox, já sabendo que seria um sucesso, porque o público estava órfão (*apud* NEDER, 2013).

Foi assim que nasceu a Fosfo, considerado um *club* que, além de música eletrônica, apresenta uma profusa programação de noites de *funk*, *performances*, teatro, cinema, poesia e outras manifestações culturais e artísticas (RIOTUR, 2021) (Figura 2).

A Fosfobox é um espaço inspirado na cultura *club*, que surgiu na Grã-Bretanha em meados da década de 1980 como

um conjunto de práticas articuladas no consumo de gêneros musicais de música eletrônica (*house*, *techno* e, posteriormente, *jungle*, *trance* e diversos sub-gêneros), na definição de espaços sociais particulares (os clubes



Fonte: arquivo Fosfobox.
Figura 2. Performance na Fosfobox.

noturnos e raves), códigos de um estilo visual característico onde predomina o colorido, o uso de acessórios como pulseiras e colares *fluo*, presilhas e acessórios infantis como bolsas e bonecos de pelúcia (FEITOSA, 2003, p. 75).

Cabbet Araújo não gastou grandes quantias para abrir a sua *caixa de fósforos*, conforme se observa a seguir:

Eu montei tudo com R\$ 1.000,00, na cara e na coragem. Usei toda a minha experiência anterior para fazer com que aquilo funcionasse. Desde o momento em que eu entrei, eu vi uma boate. Conseguiu imaginar as pessoas descendo as escadas e dançando lá embaixo. Quando eu entro hoje na Fosfo, sei que eu acertei (apud COHEN, 2017).

A pista principal da Fosfobox fica no subsolo (Figura 3), nos arredores da área externa do *shopping* Cidade Copacabana, o *shopping* dos antiquários; e no térreo, há o Fosfo, uma pista secundária e uma área para fumantes (RIOTUR, 2021).



Fonte: arquivo Fosfobox.
 Figura 3. Pista principal da Fosfobox.

O local é conhecido como *shopping* dos antiquários por ser composto, em sua maioria, de lojas que vendem antiguidades, abrigando também galerias de arte, lojas de restauração, salas de espetáculos, brechós e ateliês (FERNANDES; NOGAROLI, 2016).

O *club* virou referência na cena eletrônica da cidade (NEDER, 2013), e ressalta-se aqui a importância da figura do *disc jockey* (DJ) como centro da cultura musical *clubber* e do *club* noturno, que se apresenta “como palco de uma experiência única pontuada na fruição dos gêneros de música eletrônica, no consumo de novos estimulantes químicos, particularmente o ecstasy” (FEITOSA, 2003, p. 75). A Fosfo é considerada um termômetro fiel da cultura *clubber* no Rio de Janeiro (ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2021).

É interessante observar que, no sentido de lugar proporcionado pelos *clubs*, aqueles que os frequentam regularmente assumem o nome de *clubbers* e *ravers* (FEITOSA, 2003). Irmãos mais velhos do movimento *punk*, os *ravers* surgiram na Grã-Bretanha entre as décadas de 1980 e 90 e “utilizaram métodos de resistência não totalmente diferentes, com o mesmo objetivo de se opor à respeitabilidade burguesa britânica” (ATTIMONELLI, 2018, p. 408).

Rave e *clubbing* são espaços de práticas e experiências distintas. O que diferencia a *rave* diz respeito à

liberdade experimentada no contato estreito com o outro no meio de uma massa dançante, esse corpo único que se move ao ritmo de 4/4 do conjunto; em suma, trata-se de uma experiência que transcende a individualidade e coloca os que dançam em comunicação pelo viés da dimensão corporal (STASI, 2018, p. 427).

Salienta-se aqui que os equipamentos de lazer do bairro Copacabana são associados às socialidades de diversas tribos (como os *clubbers* e o público LGBTQIA+, por exemplo). Mesmo para quem afirma não ter nenhuma identificação com o bairro, Copacabana agrega uma variedade de territórios simbólicos, os do fazer parte comum, musical, esportiva, religiosa, que formam tribos naturais (MAFFESOLI, 2010). Assim, em Copacabana as coisas rodam na lógica da interculturalidade urbana (BAUDOUI, 2016). Para Beatriz⁵, uma estudante universitária LGBT de 22 anos, Copacabana "*possui ardis*":

Cara, Copacabana é ardilosa... Ela representa um pensamento carioca de vivência do preconceito. Hipocrisia de manhã. Tanto que as manifestações são de manhã. Ela ofusca a realidade. Mas à noite ela se transforma! À noite vai todo mundo para rua: é prostituta, drag, LGBT, é todo mundo. Eu acho que Copacabana traz a hipocrisia que a gente vive. Acho que ela é racista. Para mim, ela se transforma. E à noite, você tem paz em Copacabana. De dia, as pessoas estão contidas. E à noite, estão livres. Saem de debaixo do tapete⁶.

Morando em São Paulo desde o ano de 2020, Beatriz explicou que para ela "*Copacabana não fede e nem cheira*" e fez as seguintes associações sobre o bairro:

Copacabana lembra o meu avô. Ele é idoso. Boa parte da população de Copacabana é idosa. E a direita está ali. A esquerda caviar também. As manifestações sem noção estão em Copacabana. Penso no meu avô: branco, hetero... E Copacabana me lembra isso. Aquele ideal do Rio de Janeiro branco e elitista que vendem lá para fora⁷!

Ao mencionar a expressão "*manifestações sem noção*", a estudante referiu-se aos inúmeros protestos pró-Bolsonaro que habitualmente ocorrem em Copacabana. Nesse contexto, cabe destacar que, aos domingos, a orla e o calçadão de Copacabana costumam ser palco de manifestações políticas, que se intensificaram a partir da década de 2000. No local, comumente são realizados atos, protestos e passeatas, entre os quais: marchas feministas, religiosas, manifestações contra o presidente Jair Bolsonaro e a favor dele etc. Contudo é interessante observar que, apesar de tecer duras críticas em relação à Copacabana, Beatriz relatou adorar a noite do bairro e contou que frequentava boates locais antes da pandemia. Enfática, frisou:

5 Beatriz nasceu no Rio de Janeiro e mora na capital paulista desde o ano de 2020. O sobrenome não foi divulgado para que a privacidade da entrevistada seja preservada.

6 Informação extraída de entrevista telefônica concedida por Beatriz a Alessandra de Figueredo Porto, realizada no dia 18 de abril de 2021.

7 Informação extraída de entrevista.

Nada me atrai em Copacabana. Só a Fosfofox. Até a praia lá é feia. Também ia para a boate Cave, que ficava no posto 6, entre Copacabana e Ipanema. A única coisa que me atrai em Copacabana é a vida noturna. Eu sou LGBT, e a minha tribo está lá. Copacabana para mim só pela vida noturna mesmo⁸.

Até março de 2020, o *club caixa de fósforos* da Rua Siqueira Campos que sacudiu a *princesa* durante as noites copacabanenses por 16 anos funcionou a todo vapor. Lugar de diversidade com sua farta programação de festas e ponto de encontro da cultura *clubber*, a Fosfofox inspirou o surgimento de várias tendências que se espalharam pela cidade (ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2021). Atento às questões contra o machismo, o racismo, a homofobia ou qualquer tipo de discriminação e intolerância, Cabbet Araújo afirma não admitir nenhum preconceito no seu *club*: “Aqui a gente abraça a loucura das pessoas. Tratamos todos iguais” (*apud* COHEN, 2017).

Mas, com a chegada do coronavírus, a Fosfofox fechou as portas do seu endereço na Siqueira Campos, deixando saudades para a entrevistada Beatriz:

Nossa, eu amava a Fosfofox... Para mim, não tinha nada de ruim lá. Muitas festas boas... Eu gostava porque sou muito eclética e eu ia lá para a Fosfofox, que era completa! Show de drag queen aos domingos, trap, funk, hip-hop. Por isso eu ia lá sempre. Tinha duas pistas. Ah, só era quente. Mas vivi bons momentos lá. Saía às cinco da manhã e pegava o metrô na porta. Era o momento que os tijuicanos se encontravam⁹!

Todavia, as experiências não precisam obrigatoriamente aprisionar-se em uma edificação para serem vividas na cidade contemporânea. Depois de seis meses fechada, a Fosfo saiu de Copacabana e seguiu para a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro.

FOSFOBOX, DA PRINCESINHA DO MAR PARA O PORTO MARAVILHA

Após seis meses de fechamento por causa da pandemia, a Fosfo saiu de Copacabana e seguiu para a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro em setembro de 2020. Mesmo com as restrições impostas pela pandemia e a posterior enxurrada de *lives*, que funcionaram como “rolês em casa” (SANTOS, 2020), a capacidade nômade e a mutabilidade dos tecidos social e urbano acabaram por permitir a sobrevivência de alguns espaços e projetos do setor artístico-cultural que até então estavam estabelecidos em endereços fixos. Nesse contexto, a cidade contemporânea também é nômade e apresenta-se não como o vestígio de um passado impresso, mas sim como o presente que ocupa aqueles segmentos de território sobre os quais ocorre o deslocamento (CARERI, 2012).

No dia 17 de setembro de 2020, a Fosfofox começou a ocupar o Núcleo de Ativação Urbana (NAU), um espaço ao ar livre instalado na Avenida Pereira Reis, nº 36,

⁸ Informação extraída de entrevista telefônica concedida por Beatriz a Alessandra de Figueredo Porto, realizada no dia 18 de abril de 2021.

⁹ Informação extraída de entrevista telefônica concedida por Beatriz a Alessandra de Figueredo Porto, realizada no dia 18 de abril de 2021.

no Santo Cristo, bairro da zona portuária da cidade. Vale lembrar que, visando levar adiante o Projeto Rio de Janeiro, Cidade Olímpica no ano de 2016, a área portuária foi requalificada. O projeto propôs a resignificação dos usos da área do porto da cidade, que passou a ser um lugar de práticas culturais e de lazer (FREITAS; SANTOS, 2019).

Destarte, cabe refletir sobre a capacidade de deslocamento e de nomadismo da Fosfo durante a pandemia. Com as portas do seu endereço da Siqueira Campos fechadas por causa do coronavírus, Cabbet decidiu levar as experiências da sua caixa de fósforos para outro lugar — até mesmo para manter o *club* vivo.

Não é o fim, mas sim uma reinvenção. Com a casa fechada desde março, foi preciso se reinventar. O endereço vai mudar, mas a história do Fosfo está longe de acabar: o Fosfofox e o NAU se unem para ampliar diversas iniciativas. Em novo formato e com novas experiências, a temporada de verão vem aí com muitas novidades (CALIXTO, 2020).

Entre os *clubbers*, *ravers* e demais tribos que se apresentam no nomadismo da cidade contemporânea (MAFFESOLI, 1998), a vida e as experiências que emanam do subsolo da Siqueira Campos não se restringem a um imóvel. Em entrevista cedida a mim em junho de 2021, Cabbet mencionou que a mudança da Fosfofox para a zona portuária representa

uma evolução! Foram 16 anos em um subsolo em Copacabana. Já era hora de sair da caixinha. E, para nós, é um caminho natural do club. O que poderíamos fazer mais em Copacabana? É assim em lugares como Barcelona, Buenos Aires e em outros locais; e seguimos a tendência do momento: partimos para a zona portuária (ARAÚJO, 2021).

Ou seja, o que se evidencia na declaração de Cabbet é que as possibilidades espaciais e sônicas transbordam pelo deslocamento (FERNANDES; HERSCHMANN, 2020) da mágica *caixa de fósforos*, que saiu do coração de Copacabana rumo ao Porto Maravilha, criando assim outras ambiências capazes de refletir a imersão dos atores (LA ROCCA, 2015) no espaço portuário. De acordo com Hiroshi Shibuya, *chief executive officer* (CEO, em português o principal chefe ou executivo de uma companhia) do NAU, a parceria com a Fosfofox surgiu no sentido de criar experiências na área portuária da cidade e completou:

É um movimento importante. A Fosfofox sempre foi um *club* de vanguarda. Não à toa, durante a quarentena, os sócios e colaboradores entenderam que precisavam dar uma repaginada e respirar novos ares, e a Zona Portuária é um dos eixos mais importantes quando se fala de fomento à cultura, empreendedorismo e economia criativa no Brasil (*apud* NAU NÚCLEO DE ATIVAÇÃO URBANA, 2021).

Com área de mais de 4.500 m², o NAU Cidades é um complexo multicultural (ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2021) e posiciona-se como “um laboratório urbano criado para pensar os espaços, territórios e cidades a partir do empreendedorismo da economia criativa, inovação e desenvolvimento social”, conforme texto extraído da plataforma *online* de eventos Sympia.

No verão de 2020 (antes da pandemia), o NAU recebeu mais de 100 mil pessoas em festivais e *shows* de artistas como Lexa, Papatinho, Heavy Baile, Alice Caymmi, entre outros (NAU NÚCLEO DE ATIVAÇÃO URBANA, 2021). Classificada como a economia do intangível, do simbólico, a economia criativa alimenta-se dos talentos criativos que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos (MADEIRA, 2014). Segundo Madeira (2014), os efeitos da economia criativa são compostos dos chamados *clusters* ou distritos criativos, que representam, por sua vez, a tendência das empresas de música, audiovisual, moda e *design* de convergir em determinadas áreas urbanas.

No dia 8 de outubro de 2021, com a melhora do cenário epidemiológico da COVID-19 no Rio de Janeiro, o NAU inaugurou a primeira fase do Distrito de Arte do Porto, com a promessa de ser a maior galeria de arte urbana a céu aberto da América Latina, contemplando mais de 11 mil m² de extensão grafitados (CAMPOS, 2021). Idealizado por Shibuya, a inauguração da primeira etapa do Distrito de Arte do Porto apresenta 18 murais de grafite assinados por artistas da cena urbana, totalizando 3,5 mil m² de extensão (GANDRA, 2021).

Antes mesmo da consolidação da parceria entre o NAU e a FosfoBox durante a pandemia, Cabbet Araújo já utilizava o espaço do NAU como central de abastecimento dos produtos orgânicos que cultivava em sua propriedade, o Sítio Liberdade, que fica localizado em Itaguaí, a 70 km do município do Rio de Janeiro (CALIXTO, 2020). No ano de 2018, ao ser entrevistado pela jornalista Lu Lacerda, o pai da FosfoBox falou sobre a produção do seu sítio: “Tenho 2 mil pés de aipim, 200 de coco, pupunha, açaí, tudo orgânico, nenhum agrotóxico. Quero vender em alguns lugares do Rio, em esquema de entrega de cestas quinzenais” (REDAÇÃO, 2018). O empresário declarou orgulhoso que os limões do Sítio Liberdade são utilizados nas caipirinhas da FosfoBox (quando ainda funcionava em Copacabana).

Com o fechamento do *club*, em março de 2020, Cabbet deu início à comercialização das cestas orgânicas do seu sítio via *delivery* a cada dez dias no Rio de Janeiro e relatou ter a intenção de tornar as entregas semanais após a FosfoBox passar a habitar o Porto Maravilha (CALIXTO, 2020).

Em junho de 2021, perguntei a Cabbet sobre a importância do Sítio Liberdade e das suas atividades na agricultura orgânica se comparadas às da área de lazer e entretenimento noturno, e ele explicou-me:

O sítio foi comprado em 2013. Estou aqui há oito anos. Foi criado em uma fazenda, no sistema orgânico. Somos dez irmãos. Não se falava em orgânico, mas nós já éramos orgânicos. Fui para a cidade grande e descobri que éramos orgânicos lá onde me criei! Pensei: “Que luxo!”. Comprei o sítio pensando na minha alimentação, eu como o que eu planto. Eu consegui o certificado em relação à produção de orgânicos e agora não quero retroceder. Vivemos em um país que passa fome e que tem fartura... No Sítio Liberdade, a gente vende fartura. Tenho 40 mil pés de banana. A nossa dúzia não tem 12: tem 15! E o que eu quero é que essa história cresça. Caso abra outro club, a alface vai para o sanduíche, e a fruta, para o drinque que serão servidos lá. Não somos orgânicos in box, somos orgânicos Liberdade, para fora. O tempo agora é esse: saia da cidade e vá para a roça. Plante a sua comida. Eu estou no caminho certo (ARAÚJO, 2021).

O *début* do *club* Fosfobox no Porto Maravilha aconteceu no dia 7 de novembro de 2020, pelo Projeto Quadrado, uma iniciativa do NAU Cidades com a própria Fosfo e o portal Pop Line (MH, 2020) (Figura 4).



Fonte: Quadrado/arquivo Fosfobox.
Figura 4. Fosfobox no Porto Maravilha.

No Quadrado, o público assiste aos shows acomodado em mesas e cadeiras na área ao ar livre do NAU, organizado em 188 espaços de 4, 6 ou 8 m², dependendo do número de pessoas que vão dividir o quadrado, e cada quadrado possui a capacidade de comportar de quatro a seis pessoas (CAPOBIANCO, 2020). Batizado de Fosfobox Open Air, o evento contou com as apresentações dos DJs Mau Mau, Leo Janeiro, Glen, Nana Torres, Bernardo Campos e também do Coletivo Pirajá (REDAÇÃO, 2020), conforme informações extraídas das fontes organizadoras do evento¹⁰.

A *caixa de fósforos* copacabanense iniciou sua nova trajetória na zona portuária demonstrando que o nomadismo dos grupos está na origem do deslocamento

¹⁰ Disponível em: <https://bileto.sympla.com.br/event/66780>. Acesso em: 12 jun. 2022.

cartográfico (ATTIMONELLI, 2018). Por mais que a Fosfofox também tenha migrado para a zona portuária em virtude das imposições do coronavírus (BEIGUELMAN, 2020), o deslocamento envolveu a transformação do lugar e de seus significados (CARERI, 2012).

Com a chegada de 2021, os casos de coronavírus voltaram a aumentar na cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que o prefeito Eduardo Paes suspendesse o carnaval, que ocorreria no mês de fevereiro (UOL, 2021). Com o posterior agravamento da pandemia, novas medidas restritivas foram adotadas pela prefeitura no dia 11 de março de 2021, proibindo a realização de eventos e festas em áreas públicas e particulares, bem como o funcionamento de boates e casas de espetáculos (PREFEITURA DO RIO, 2021). Com isso, a Fosfo não pôde continuar a embalar a noite do Porto Maravilha no primeiro trimestre de 2021.

Ao ser indagado sobre o futuro da Fosfofox entre a sede da Siqueira Campos e os eventos na zona portuária, Cabbet respondeu:

A sede da empresa ainda é na Siqueira Campos. Pode ser que pós-pandemia a gente tenha a oportunidade de voltar para lá. Mas a gente vinha em um movimento de sair de Copacabana mesmo. Nós, como casa noturna em um subsolo, já vínhamos sofrendo com a concorrência em relação às festas ao ar livre, mesmo antes da pandemia. E manter o club no subsolo ficou complicado. Durante 16 anos, mantemos a chama acesa. E, mesmo em função dos novos tempos, já era um desejo de ir para a zona portuária (ARAÚJO, 2021).

Em outubro de 2021, o cenário epidemiológico da COVID-19 finalmente pareceu mais animador no estado do Rio de Janeiro. De acordo com a 51ª edição do mapa de risco da COVID-19, divulgada no início do mês supracitado pela Secretaria de Estado de Saúde, pela primeira vez nenhum município ficou com índice de alto risco desde o início do ano de 2021, e pela sexta semana consecutiva o estado do Rio de Janeiro seguiu com a classificação geral de baixo risco (bandeira amarela) para a COVID-19, com redução de 35% nas internações por síndrome respiratória aguda grave e de 39% no número de óbitos provocados pela doença (*apud* GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2021a). Na 52ª edição do mapa de risco da COVID-19 (divulgada no dia 15 de outubro de 2021), o estado do Rio de Janeiro apresentou o melhor panorama epidemiológico desde o mês de julho de 2020, data da primeira edição do levantamento (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2021b).

Todavia, se o futuro e o tão esperado fim da pandemia acabaram tornando-se o nosso presente, há algo a ser feito: não permitir que o coronavírus se torne o nosso depois (BEIGUELMAN, 2020). Afinal, a miríade de corpos que se deslocam pela cidade se nutre da proximidade e do ajuntamento (FERNANDES; HERSCHMANN, 2020). Para os que respeitam a capacidade de destruição do vírus, somente após a tão aguardada e definitiva morte do coronavírus será possível aglomerar novamente sem medos, restrições ou proibições — e até mesmo sem quadradinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma transfiguração dos espaços da cidade que se faz por intermédio das interações entre corpos-indivíduos e ambientes (com todo o seu aparato imaginário)

que deflagram, mediante usos e práticas cotidianos, a resignificação dos espaços urbanos. Nesses pequenos rituais de existência cotidiana do compartilhar das relações, constroem-se os sentidos próprios de cada lugar sedimentado pelo entendimento de que *eu sou* a apresentação do *mundo que compartilho com os outros*. Esse *éthos* representa tanto o mundo racional como o mundo emocional e afetivo que oferece sentidos e significados à expressão ética da estética (emoção comum). Nessa perspectiva, o prazer estético e a harmonia física e social estão profundamente entrelaçados e dão-se a ver na estética de um lugar, de um grupo, de um novo desenho arquitetural, de uma expressão coletiva revelada em diversas ambiências e territorialidades (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014; LA ROCCA, 2018).

Cidades como o Rio de Janeiro são tramadas por uma variedade de redes de comunicação-comunhão. Nelas diferentes éticas e estéticas são celebradas e festejadas, em que os corpos, em suas infinitas possibilidades, interagem com os espaços transformando território-espaço (localizado-métrico-objetivado) em territorialidade-espacialidade (lugarizada-relacional-emocional). Interessante é notar que a lugarização dos espaços rompe com e desloca os conceitos modernos público e privado traçados na dicotomia entre a rua (espaço da imprevisibilidade, da insegurança e das tensões) e a casa (espaço do previsível, da segurança e do aconchego, o familiar).

Para nós, o movimento de reinvenção da Fosfobox tensiona e provoca essa binaridade em múltiplas esferas. Nesse sentido, a Fosfobox tem a capacidade de produção de *lugares*, ou seja, a habilidade de constituir-se à medida que se vive e se pratica ordinariamente o espaço e, por isso, pressupõe fluxos múltiplos de práticas e coexistências culturais considerando as sensibilidades locais que atravessam pontes e abrem portas, dando a ver que há uma força movente na cultura *clubber* na cidade. A cultura *clubber* lugariza-se conforme os corpos se apropriam dos territórios, sentindo-os, interagindo com o ambiente, desvelando-o ao mesmo tempo que se desvelam, gerando a possibilidade de infinitas conformações de espacialidades.

Essas experiências, por sua vez, ajudam na reflexão sobre as diversas ambiências vividas e edificadas nas interações sonoras e musicais em ato. Desse modo, podemos pensar o deslocamento e o nomadismo da Fosfobox por meio das suas "territorialidades nômades" (FERNANDES, 2014), "ambiências musicais" (LA ROCCA, 2018), ou "territorialidades sônico-musicais" (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014), considerando essas noções em uma perspectiva que leve em conta a fluidez das situações espaciais e as particularidades estéticas que são compartilhadas pela cultura *clubber* no cotidiano da cidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. *Cabbet Araújo*: entrevista [4 jun. 2021]. Entrevistadora: Alessandra de Figueredo Porto. 2021.
- ASSESSORIA DE IMPRENSA. Ícone da cena underground carioca, Fosfobox mudará de lugar. *DJ Mag Brasil*. Disponível em: <http://djmagbr.com/icone-da-cena-underground-carioca-fosfobox-mudara-de-local/>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- ATTIMONELLI, C. Sons tridimensionais: o corpo urbano na paisagem *techno*. In: FERNANDES, C.S.; HERSCHMANN, M. (org.). *Cidades musicais*: comunicação, territorialidade e política. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 397-424.

- BAUDOUI, R. L'interculturalité urbaine. *In*: SUTER, P. et al. (org.). **Regards sur l'interculturalité: un parcours interdisciplinaire**. Voltiges: Métis Presses, 2016. p. 127-138.
- BEIGUELMAN, G. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: ECidade, 2020. v. 1. 46 p.
- CALIXTO, B. Fosfofox migra para a Zona Portuária do Rio, onde sócio amplia entrega de orgânicos. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/luciana-froes/post/fosfofox-se-muda-para-galpao-no-porto-onde-e-ampliada-entrega-de-organicos.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- CAMPOS, C. Galeria de arte a céu aberto no Porto. **O Dia**, 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/panorama-imobiliario/2021/10/6250421-galeria-de-arte-a-ceu-aberto-no-porto.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- CAPOBIANCO, M. Festa Quadrado: shows de Karol Conka, Lexa e Tati Quebra Barraco com distanciamento. **Veja Rio**, 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programa-se/festa-quadrado-distanciamento/>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- CARDEMAN, D.; CARDEMAN, R.G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- CARDEMAN, R.G. **Por dentro de Copacabana: descobrindo os espaços livres do bairro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2012.
- COHEN, R. Fosfofox comemora os 13 anos de sucesso e diversidade com três dias de festas e curso de DJ inédito. **Heloisa Tolipan**, 2017. Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/musica/fosfofox-comemora-os-13-anos-de-sucesso-e-diversidade-com-3-dias-de-festas-e-curso-de-dj-inedito/#:~:text=Tudo%20come%20em%202004%20quando,a%20ideia%20da%20Fosfofox%20surgiu>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- COPACABANA. **Beco das Garrafas, Copacabana, Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://copacabana.com/beco-das-garrafas/>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- DURAND, G. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FEITOSA, R.A.S. Periferia eletrônica: *clubbers* e *cybermanos* na cidade de São Paulo. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 73-85, 2003. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/1134/1075. Acesso em: 8 nov. 2021. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v6i2.1134>
- FERNANDES, C.S. Corpos sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. *In*: SIQUEIRA, D. (org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 187-205.
- FERNANDES, C.S. Territorialidades nômades: comunicação, moda e música no Rio de Janeiro. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 4-18, 2014. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v16i3.829>
- FERNANDES, C.S.; HERSCHMANN, M. Efervescências musicais e noturnidades no Beco das Artes. Todas as Artes. **Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura**, Porto, v. 3, n. 2, p. 71-84, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/taa/article/viewFile/10253/9335>. Acesso em: 8 nov. 2021. <https://doi.org/10.1747/21843805/tav3n2a2a5>
- FERNANDES, C.S.; NOGAROLI, C. Sociabilidade, consumo e experiência no Shopping Cidade Copacabana. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2160-1.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- FREITAS, R.F.; SANTOS, M.H.C. Porto Maravilha: para onde vai este legado? **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 97-113, 2019. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/porto-maravilha-para-onde-vai-este-legado/>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- GANDRA, A. Distrito de Arte no Porto Maravilha inaugura 18 murais de *graffiti*. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/distrito-de-arte-no-porto-maravilha-inaugura-18-murais-de-graffiti>. Acesso em: 15 nov. 2021.

- GÓIS, M.P.F. Espaços públicos e vida noturna. **Revista Geografares**, Vitória, n. 26, p. 69-85, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/20999>. Acesso em: 8 nov. 2021. <https://doi.org/10.7147/GEO26.20999>
- GÓIS, M.P.F. **Paisagens noturnas cariocas**: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro. 2015. 332f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/16/teses/826980.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Mapa de distribuição regional segundo avaliação de risco**: 52ª atualização. Governo do estado do Rio de Janeiro, 2021b. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/noticias/2021/10/mapa-de-risco-da-covid-19-estado-do-rio-de-janeiro-tem-todas-as-regioes-com-baixo-risco-pela-primeira-vez-na-serie-historica>. Acesso em: 15 out. 2021.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Mapa de risco de COVID-19 do estado do Rio de Janeiro**: 51ª atualização. Governo do estado do Rio de Janeiro, 2021a. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/noticias/2021/10/mapa-de-risco-covid-19-pela-primeira-vez-desde-o-inicio-do-ano-nenhum-municipio-apresenta-alto-risco>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C.S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.
- JACQUES, P.B. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.
- KAZ, S. **Um jeito Copacabana de ser**: o discurso do mito em *O Cruzeiro* e *Sombra*. 2010. 249f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1806097/DLFE-237571.pdf/umjeitocopacabanadeser.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- LA ROCCA, F. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- LA ROCCA, F. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: SIQUEIRA, D. (org.). **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 173-185.
- LESSA, C. **O Rio de Janeiro de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MADEIRA, M.G. **Economia criativa**: implicações e desafios para a política externa brasileira. Brasília: Funag, 2014.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- MAIA, J.; BIANCHI, E. *Réveillon* de Copacabana: territorialidades temporárias. In: FERNANDES, C.S.; MAIA, J.; HERSCHEMAN, M. (org.). **Comunicações e territorialidades**: Rio de Janeiro em cena. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012. p. 127-148.
- MH. Lexa, Rebecca, Karol Conka e Pocah participam do 1º festival com distanciamento social. **Meia Hora**, 2020. Disponível em: <https://www.meiahora.com.br/celebridades-e-tv/2020/11/6020304-lexa-rebecca-karol-conka-e-pocah-participam-do-1-festival-com-distanciamento-social.html#foto=1>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- NAU NÚCLEO DE ATIVAÇÃO URBANA. **Fosfobox no Porto Maravilha**. 2021. Disponível em: <https://nau.rio.br/2021/01/31/fosfobox-no-porto-maravilha/>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- NEDER, L. Cabbet Araújo: o cara da Fosfobox. **O Globo**, 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/cabbet-araujo-cara-da-fosfobox-10178453>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- O'DONNELL, J. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- PORTO, A.F. **Copacabana Palace**: imaginário, consumo e estilos de vida no palácio da Princesinha do Mar. 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.ppgcom.uerj.br/wp-content/uploads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Alessandra-Porto.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.

PREFEITURA DO RIO. Município prorroga medidas de proteção à vida até 22 de março e estabelece novas restrições como forma de prevenção à COVID-19. **Prefeitura do Rio**, 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-prorroga-medidas-de-protacao-a-vida-ate-22-de-marco-e-estabelece-novas-restricoes-como-forma-de-prevencao-a-covid-19/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

REDAÇÃO. FosfoBox Open Air com DJ Mau Mau. Agenda Bafafá, 2020. Disponível em: <https://bafafa.com.br/arte-e-cultura/festa/fosfo-box-open-air-com-dj-mau-mau>. Acesso em: 15 nov. 2021.

REDAÇÃO. Sete perguntas para Cabbet Araújo (Bunker Festival e a noite carioca). **Lu Lacerda**, 2018. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/sete-perguntas-para-cabbet-araujo-sobre-o-bunker-festival-e-anoite-carioca/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RIOTUR. **FosfoBox**. Disponível em: http://visit.rio/que_fazer/fosfo-box/. Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, E. #livesdemaião... Educação em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1109>. Acesso em: 8 nov. 2021.

STASI, M. *Technocities*: Detroit, Berlim e a diáspora. In: FERNANDES, C.S.; HERSCHMANN, M. (org.). **Cidades musicais**: comunicação, territorialidade e política. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 425-433.

STRAW, W. Urbanização da política musical: cidades e a cultura da noite. In: FERNANDES, C.S.; HERSCHMANN, M. (org.). **Cidades musicais**: comunicação, territorialidade e política. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 319-339.

UOL. Rio não vai ter carnaval em 2021: “Sem sentido imaginar”, diz Paes. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2021/01/21/eduardo-paes-carnaval-rio-de-janeiro-cancelado.htm>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 nov. 2021.

Sobre as autoras

Alessandra de Figueredo Porto: doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Cíntia Sanmartin Fernandes: pós-doutora pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pelo Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento**: nenhuma.

Contribuições dos autores: Porto, A. F.: Conceituação, Metodologia, Curadoria de Dados, Análise, Investigação, Escrita — Primeira Redação. Fernandes, C. S.: Conceituação, Metodologia, Supervisão, Orientação, Validação, Escrita — Revisão e Edição.

